

## O CORPO [BRANCO] FEMININO CONVOCADO PELO DISCURSO DE MODA EM VOGUE

*The [White] Female Body convened by the Discourse  
of Fashion in Vogue*

Novelli, Daniela; Dra; Universidade Federal de Santa Catarina,  
danovelli@gmail.com<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo pretende dar visibilidade ao corpo [branco] feminino convocado pelo discurso de moda em Vogue, por meio de uma análise documental e qualitativa de edições francesas e brasileiras publicadas entre os anos de 2006 e 2010, a partir de uma breve reflexão sobre a produção contemporânea e midiática da “branquidade” neste periódico de alta moda e *prêt-à-porter* de luxo.

**Palavras-chave:** Branquidade; corpo [branco] feminino; Vogue (Paris-Brasil).

### Abstract

*This article aims to give visibility to the [white] female body convened by the discourse of fashion in Vogue, through a documentary and qualitative analysis of French and Brazilian editions published between the years 2006 and 2010, from a brief discussion about the media contemporary production of "whiteness" in this high fashion and prêt-à-porter luxury journal.*

**Keywords:** Whiteness; [white] female body; Vogue (Paris-Brazil).

### Introdução

Neste artigo, o periódico *Vogue* é apresentado como fonte e objeto de uma pesquisa interdisciplinar em ciências humanas, inserida notavelmente nos campos da moda e dos estudos de gênero e pós-coloniais<sup>2</sup>. A partir desta perspectiva, questões teóricas e metodológicas são articuladas a partir dos *whiteness studies*, permitindo uma importante reflexão sobre a primazia da

---

<sup>1</sup>Doutora em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Área: Estudos de Gênero. Orientação: Cristina Scheibe Wolff; coorientação: Susana Funck Bornéo. Agradecimentos: CAPES, COFECUB e CNPq. Atualmente é bolsista Capes PNPd junto ao PPGICH e ao Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC.

<sup>2</sup> NOVELLI, Daniela. A branquidade em Vogue (Paris e Brasil): imagens da violência simbólica no século XXI. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014. 345p.

representação do corpo feminino [branco]<sup>3</sup> em edições francesas e brasileiras publicadas no final do primeiro decênio de nosso século.

Veremos que tal primazia está historicamente relacionada com a produção discursiva da “branquidade”, termo adotado para fazer referência à tradução de *whiteness* e/ou *blanchité*, concordando com Horia Kebabza (2006), em seu artigo *L’universel lave-t-il plus blanc?: Race, racisme et système de privilèges*:

[...] se certos/as pesquisadores/as empregam a palavra *blanchitude* para traduzir o termo *whiteness*, nós preferimos o de *blanchité*. Como destaca Judith Ezekiel, *blanchitude* está calcado sobre a palavra *négritude*, movimento literário e artístico que buscava valorizar os aspectos positivos da cultura ou da identidade negra. A *blanchitude*, nesta lógica, poderia ser apenas uma afirmação daquilo que seria positivo em uma cultura «blanche», o que é perfeitamente contraditório ao conceito desenvolvido aqui” (KEBABZA, 2006, p. 145, tradução nossa).

Se a raça é, como afirma Stuart Hall (2013) um “significante flutuante” porque é uma construção discursiva, pode-se dizer que a brancura (co) produz *habitus* de maneira articulada e simultânea a outras formas de dominação de classe e de sexo/gênero, influenciando identidades, maneiras de ver, pensar e agir – variáveis em distintos contextos socioculturais e históricos. Segundo Bouamama, Cormont e Fotia (2012, p. 73, tradução nossa), a brancura é também “[...] uma espécie de vestimenta ‘racial’ que funciona como um passaporte social, abrindo portas fechadas aos não-Branços/as”.

Análises realizadas anteriormente em edições brasileiras de Vogue demonstraram o quanto o corpo feminino havia se tornado uma sede de significação e subjetivação da juvenilização (NOVELLI, 2009), representando um dos modelos mais desejados de nossa atualidade: “beleza-magreza-juventude” (OLIVEIRA, 2005, p. 200). Mas tal visibilidade global não significou que este modelo tenha sido problematizado do ponto de vista das condições culturais e históricas associadas à construção social do corpo branco.

---

<sup>3</sup> Adoto o uso de colchetes no termo “branco” justamente para chamar atenção para a invisibilidade social que este adquiriu historicamente, no decorrer da construção ocidental da branquidade, sobretudo ao longo do último século (incluindo sua aplicação no plural e /ou no feminino, quando for o caso).

Acreditamos, portanto, que a “brancura” deveria ser acrescentada ao modelo proposto por Nucia de Oliveira.

O corpo [branco] feminino de Vogue, embora atravessado por distintos aspectos socioculturais em contextos europeus e latino-americanos, tornou-se “invisível” por ser justamente um corpo dominante discursivamente e naturalizado por todo o *ethos* que envolve suas condições de produção, representação e circulação no campo da alta moda e do *prêt-à-porter* de luxo<sup>4</sup>, trazido por este periódico ao longo de sua história.

Os chamados *critical whiteness studies* floresceram nos Estados Unidos, na década de 1990, embora W.E.B Du Bois tenha sido provavelmente o precursor em teorizar sobre a identidade racial branca ainda no início do século XX, com a publicação de *Black Reconstruction in the United States* (CARDOSO, 2010). Segundo Ruth Frankenberg (1993), a raça molda a vida das mulheres brancas, da mesma forma que as vidas de homens e mulheres são moldadas por seu gênero. Para Maria Aparecida Silva Bento (2002, p. 27), evitar focalizar o branco é evitar “[...] discutir as diferentes dimensões do privilégio”. Desta forma, torna-se crucial “olhar a racialidade [*racialness*] da experiência branca” (FRANKENBERG, 1993, p. 1, tradução nossa) em contextos sociais nos quais pessoas brancas têm muitas vezes visto a si mesmas como não raciais ou racialmente neutras.

Segundo Lourenço Cardoso (2010), o termo “branquitude” foi sugerido no Brasil por Gilberto Freyre em 1962, no sentido de identidade racial branca e como analogia à palavra negritude. E, ainda, Alberto Guerreiro Ramos, pioneiro em propor estudos sobre a identidade racial branca no país, utilizou o termo “brancura”, significando para nossa literatura científica atual o conceito de “branquitude”.

Portanto, em relação ao contexto brasileiro, a adoção do termo “branquitude” neste artigo pode também substituir o que muitos autores consideraram como “branquitude”, o que não impede de levar em conta o que Guerreiro Ramos considerou em seu ensaio como “brancura”, pois não se pode

---

<sup>4</sup> Utilizo esses termos para fazer referência ao segmento da “moda de luxo” vendida em Vogue, marcada historicamente pela invenção da Alta Costura [*Haute Couture*] na França e mais recentemente pela produção em série mas relativamente restrita de coleções sazonais, abrangendo ainda outros setores, como acessórios e perfumes.

negar o quanto os aspectos físicos (fenótipos) adquirem importância no complexo processo de definição de identidades raciais brancas, da ideia de raça ou de comportamentos relacionados ao grupo branco e às diferentes dimensões da branquitude e da própria construção social da “branquitude” (CARDOSO, 2010).

Sob o esquema corporal há outro esquema, composto **de histórias, de anedotas, de metáforas e de imagens**, construindo assim a relação que entretém o corpo com o espaço cultural e social que ele ocupa. E, segundo Hall (2013), são justamente essas histórias que constroem tal relação, e não a inscrição da diferença no corpo. Por meio de uma mesma violência simbólica racial, distintas formas de dominação configuram o corpo branco e “naturalizam” a branquitude no universo do luxo, diante do aparente “esvaziamento” da cor branca como identidade cultural em contextos históricos e políticos latino-americanos e europeus.

Em 2006, a versão brasileira de Vogue publicou uma edição especial inteiramente dedicada às férias de julho. Mulheres reconhecidas no campo da moda brasileira e que atuam ou atuaram no mercado internacional visitaram diferentes destinos: Carolina Overmeer (correspondente de Vogue Brasil em Paris) viajou para a Índia; Cássia Ávilla (ex-modelo) foi para Portugal; Cris Barros (estilista) visitou Buenos Aires e Petê Marchetti (consultora de moda) viajou para a África do Sul. Inspirados justamente nesses países, o fotógrafo Daniel Klajmic e a editora de moda Chiara Gadaleta Klajmic produziram um editorial de moda (Figura 1) para mostrá-los a partir do olhar de Vogue.

Figura 1- Imagens do editorial com temas sobre a Índia e a África do Sul.  
Fonte: Vogue Brasil (2006, p. 154 e 173).



Segundo a redatora-chefe Patricia Carta, Vogue traz “[...] o olhar sofisticado de nossas convidadas e a hospedagem em hotéis e resorts que são verdadeiros paraísos na terra – seja lá qual for a sua imagem de paraíso” (CARTA, 2006, p. 11). Trata-se de um bom exemplo a partir do qual significantes plásticos, icônicos e linguísticos passam a fazer sentido no campo da moda se interpretados a partir de um *ethos* constituído pela branquidade – e somente a partir dele.

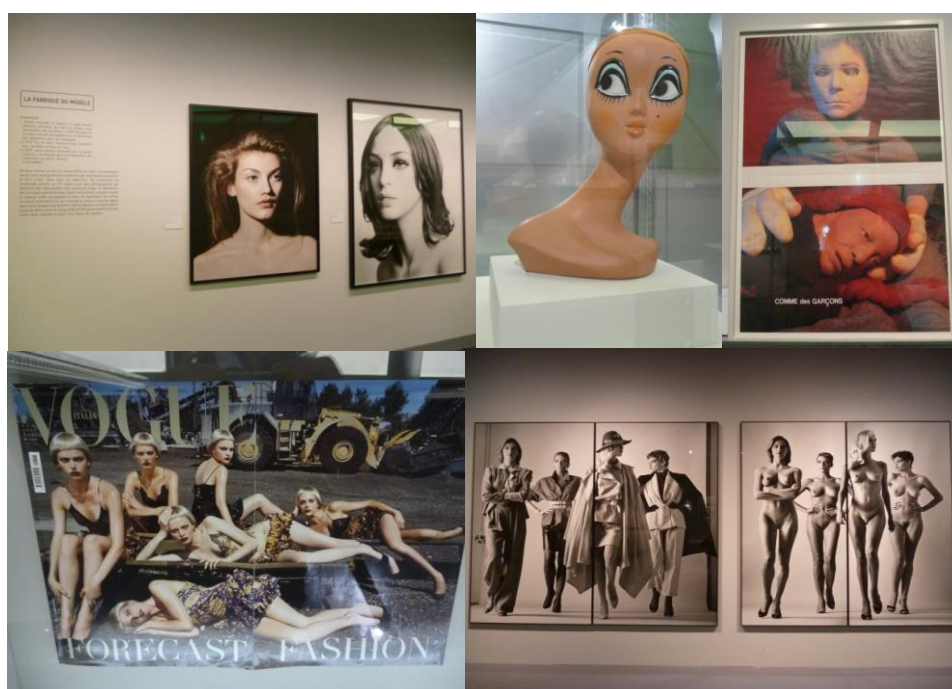
A brancura é o fruto de uma aprendizagem social que repousa sobre a socialização dos indivíduos. Tal socialização possui traço: de desigualdades racistas, de processos de racialização dos ‘outros’; de construções identitárias de Brancos.as [...]; da crença de ser neutro e universal [...]; do mundo do pensamento e da representação das desigualdades e das identidades Branco/não-Branco; da invisibilidade dos ‘privilégios’ brancos e de sua normalidade (BOUAMAMA; CORMONT; FOTIA, 2012, p. 72, tradução nossa).

Pode-se ainda ler a frase “Brincadeira étnica para arrasar no safári” no editorial sobre a África do Sul, assim como “Um caleidoscópio de cores, tecidos e volumes” sobre a “Índia”. Ou seja, para além da questão do “autoexotismo” na moda brasileira, tais representações remetem à hegemonia do corpo branco (e mesmo à sua suposta “neutralidade”) no discurso da moda contemporânea produzido em Vogue.

### Que corpo [branco] é esse?

Imagens da exposição « *Mannequin, le corps de la mode* »<sup>5</sup> (Figura 2) revelam que **o corpo feminino da moda ocidental contemporânea é branco**. Embora o “corpo da manequim” tenha sido objeto de algumas transformações estéticas ditadas pela moda do século XX, estas últimas não conseguiram ultrapassar a ideia de corpo [branco] como simples mercadoria.

Figura 2 – Fotos da exposição *Mannequin, le corps de la mode*, 2013.  
Fonte: Novelli (2013)



Nesse sentido, a magreza se tornou um poderoso significante do corpo [branco] da moda, acentuada particularmente nas últimas décadas do século XX, quando a modelo Kate Moss tornou-se o ícone do estilo “heroína chique” nos anos 1990, numa alusão ao aspecto deplorável de um corpo consumido pelo excesso de drogas e álcool. A moda passava a produzir imagens cada vez mais influenciadas por todo um conjunto de comportamentos sociais voltados para a consagração de hábitos desregrados e fantasiosos.

<sup>5</sup> Exposition Hors-les-Murs Galliera - Musée de la mode et de la ville de Paris. Produção: Les Docks - Cité de la Mode et du Design e Artevia, com o apoio da prefeitura de Paris. Local: Institut Français de la Mode (IFM), de 16/02/2013 a 19/05/2013.

À frente de Vogue Paris, Carine Roitfeld foi constantemente acusada de sexismo, anorexia e racismo. A edição de fevereiro de 2008 traz a figura de Amy Winehouse como inspiração para o editorial de moda *L'Idole* (Figura 3), realizado por Emmanuelle Alt, no qual a modelo brasileira Isabeli Fontana encarna o universo da fama da cantora, fotografada por Peter Lindbergh no consagrado *Hôtel de Crillon*, com vista para a *Place de la Concorde* em Paris.

Figura 3 - Imagens do editorial *L'Idole*, homenagem à cantora Amy Winehouse.  
Fonte: Vogue Paris (2008, p. 252, 253, 262 e 263).



A superexposição midiática das *bad girls* [garotas más] foi alvo de preocupação por parte da ONU, que oficialmente se pronunciou contra a “desastrosa imagem que elas retornam aos jovens” (COLMANT, 2008, p. 234). Para além de um fenômeno de moda, a fabricação das garotas más está ligada à escala da violência sempre presente: “[...] elas cruzaram a linha invisível, verdadeiro Muro de Berlim, que codifica o bem e o mal. Garota má porque rebelde contra uma sociedade que impõe às mulheres uma violência intolerável”, como escreve Marie Colmant (2008, p. 238) na matéria *Bad Girls*.

Ícone rebelde do rock, Janis Joplin é a Amy Winehouse de hoje. Mesma voz incrível, mesmo temperamento, mesma presença cênica fascinante e mesmo senso de estilo (...). Com exceção de que Janis Joplin é no início uma adolescente de físico ingrato e distante do modelo Barbie que faz referência nesta América amarrada do início dos anos 60 [...]. Um pequeno mundo branco que não admite que uma menina escute a música negra, que beba cerveja com os rapazes e se veja como cantora de blues (COLMANT, 2008, p. 238, tradução nossa).

Embora a problemática da inferioridade da cultura negra na sociedade norte-americana tenha sido abordada a partir da figura de Janes Joplin, o corpo [branco] tatuado e extremamente magro de Winehouse tornou-se alvo de um discurso promissor e legitimado justamente por meio do lugar social que esta cantora ocupava na mídia, atribuído tanto ao seu talento indiscutível quanto à sua liberdade própria de se parecer com quem bem pretendesse. Roitfeld e Alt reproduzem uma espécie de branquidade que é simbolicamente revolucionária: "Sua voz faz *unanimidade*. Suas MANEIRAS claramente menos. Mas esta garota BLUES INDOMÁVEL queima sua vida *absolutamente* como ela deseja, *fenomenal* fonte de inspiração entre RETRO assumido e *provocação* na pele" (ALT, 2008, p. 252, grifos do autor, tradução nossa).

Em julho de 2010, Vogue Brasil publica uma edição dedicada à "linguagem corporal", com destaque para o caso da *top* holandesa Kim Noorda, que mostra à Vogue o diário que escreveu durante o ano em que batalhou contra a anorexia: "sincero e comovente, ele revela como a moda ainda tem de caminhar muito para que glamour combine com vida saudável (SINGER, 2010, p. 112). Imagem (Figura 3) que representa a luta por um corpo "normal":

Figura 3 – Imagens de Kim Noorda na matéria *A Luta por um corpo normal*.  
Fonte: Vogue Brasil (2010b, p. 114).



A modelo afirmou que, durante os desfiles, emagrecia por pressão dos agentes, mas depois engordava de novo: "Quando no mês seguinte aparecia para um trabalho, era visível a decepção no rosto de quem havia me contratado, por conta da diferença entre meu composite e a aparência real"



(SINGER, 2010, p. 113). Tal declaração comprova a difícil condição para manter o corpo exageradamente magro, dentro dos padrões exigidos pela estética idealizada [branca] do mundo das passarelas. Esta matéria sobre Kim Noorda deve ser entendida no contexto mais amplo desta edição de Vogue, que a publica juntamente com o editorial *Body Couture* (figura 4), fotografado por Jacques Dequeker.

Figura 4 - Imagens do editorial *Body Couture*. Fonte: Vogue Brasil (2010b, p. 124-133).



Ao deixar claro que a aposta é em um discurso que “[...] elege o corpo feminino como a grande estrela da edição”, a editora Daniela Falcão (2010a, p. 17) parece querer mostrar duas faces da mesma moeda (ou melhor, duas medidas para um mesmo corpo) – de um lado reconhece seus limites, mas de outro o exalta com termos que remetem ao poder de sedução: “como nesse caso recheio é fundamental, acionamos Alessandra Ambrósio, modelo sinônimo de corpo saudável, feminino e curvilíneo” (FALCÃO, 2010a, p. 17).

Mesmo o corpo de Ambrósio não pode ser considerado saudável e muito menos curvilíneo, se comparado com as formas de Gisele Bündchen, por exemplo. Nesse sentido, a estética da magreza extrema, personificada por Kate Moss na década de 1990, pode ter sido retomada no final da primeira

década de nosso século como parte de um processo de revalorização do padrão europeu de corpo no contexto globalizado da moda contemporânea. É importante ainda ressaltar que o editorial *Body Couture* faz referência aos *corsets*: “Os corsets são a estrutura dos novos vestidos de noite. Ricos e trabalhados, eles vêm à luz para avisar que nesta temporada, quem brilha é o corpo feminino, saudável e curvilíneo” (FALCÃO, 2010b, p. 124).

A imagem do *corset*, peça que causou graves deformações corporais em mulheres da elite [branca] da Europa Moderna, é então associada à ideia de glamour, saúde e feminilidade. Por meio de um discurso de moda bastante ambíguo, *Vogue* não nos deixa esquecer que o padrão estético europeu exerce ainda hoje uma influência determinante nas produções de moda no contexto brasileiro, uma vez que modelos brasileiras de projeção mundial – muitas delas gaúchas e com descendência europeia – ocupam lugar central nas edições brasileiras de *Vogue*.

Branças, jovens, sensuais e extremamente magras: as modelos acabam personificando o corpo [branco] da moda, mesmo na era da globalização do luxo. Pode-se dizer que tais discursos sobre o corpo [branco] feminino no campo da alta moda e do *prêt-à-porter* de luxo são, a partir de *Vogue*, fruto de uma produção sintonizada com a concepção contemporânea global de beleza corporal, bastante ambígua por sinal: o corpo extremamente magro da modelo Alessandra Ambrósio ganha destaque neste editorial, após uma década da virada explosiva no padrão de beleza brasileiro liderado por Bündchen.

Há, portanto, em *Vogue* (Paris-Brasil), um movimento dinâmico que se constitui inseparavelmente de um *corpus* de discursos, um corpo de produtores, um conjunto de lugares de produção de discursos e de produção de produtores de discursos (BOURDIEU; BOLTANSKI, 2008). E tal constituição se aplica perfeitamente à imagem distintiva deste periódico, que celebra em suas páginas o corpo [branco] da moda contemporânea.

### **Considerações Finais**

Vimos, em edições francesas e brasileiras de *Vogue* publicadas entre os anos de 2006 e 2010, que a identidade racial branca é (re) construída no

campo da moda por meio de um *ethos* sustentado e legitimado pela produção discursiva da “branquidade”, justamente a partir da circulação de imagens do corpo [branco] feminino, contribuindo assim para a manutenção de privilégios historicamente “invisíveis” dos quais o grupo branco usufrui nas mais diversas esferas da vida social. Pode-se dizer que as análises demonstraram o quanto a hegemonia simbólica deste corpo aparece “naturalizada” por um racismo diferencialista e culturalista.

Apesar de ser sempre situada, a branquidade pode adquirir diferentes configurações simbólicas, dependendo de como a brancura é atravessada por outras formas de dominação em distintos contextos. Mas isso não impede que possamos identificar mais convergências do que divergências estéticas no que diz respeito ao padrão de beleza europeu no universo da moda contemporânea vendida em Vogue por meio de seu “classicismo intemporal”.

Em um sentido mais amplo, a construção imagética e imaginária aristocrática [branca] em Vogue contribui historicamente para a reprodução do poder racial branco. Redatoras-chefes, editoras de moda, fotógrafos, criadores, críticos e jornalistas de moda integram um conjunto particular de profissionais legitimados no e pelo campo, transmitindo todo o potencial simbólico de seu conceito institucional de vanguarda. As breves análises trazidas neste artigo sobre a produção discursiva (textual e imagética) do corpo [branco] em Vogue serviram para tornar visível um corpo incolor, neutro, transparente, como uma “porta de vidro” (PIZA, 2002).

Espero, finalmente, ter “marcado” e “nomeado” uma cultura [branca] hegemônica a partir do universo da moda de vanguarda para tornar a branquidade mais visível aos dominantes, apontando dimensões brasileiras e francesas do mesmo privilégio branco – estas ligadas tanto a um “lugar de vantagem” quanto a um “ponto de vista”, como bem salientou Ruth Frankenberg (1993).

## Referências

ALT, Emmanuelle. *L'Idole*. **Vogue Paris**. Paris: Les Publications Condé Nast S.A., n. 884, février 2008. p. 252-263.

BOUAMAMA, Saïd; CORMONT, Jessy; FOTIA, Yvon (Dir.). **Dictionnaire des dominations de sexe, de race, de classe**. Collectif Manouchian. Paris : Éditions Syllepse, 2012.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. **La production de l'ideologie dominante**. Paris: Éditions Demopolis, 2008.

CARDOSO, Lourenço. Retrato do branco racista e anti-racista. **Reflexão e Ação**. V. 18, n. 1, 2010, p. 46-76.

CARTA, Patrícia. Ponto de vista. **Vogue Brasil**. São Paulo, Carta Editorial, n. 334, 2006.

COLMANT, Marie. Bad Girls. **Vogue Paris**. Paris: Les Publications Condé Nast S.A., n. 884, février 2008. p. 234-241.

FALCÃO, Daniela. Ponto de vista. **Vogue Brasil**. São Paulo, Carta Editorial, n. 383, 2010a, p.17.

\_\_\_\_\_. *Body Couture*. **Vogue Brasil**. São Paulo, Carta Editorial, n. 383, 2010b, p.124-133.

FRANKENBERG, Ruth. **White Women, Race Matters: The Social Construction of Whiteness**. University of Minnesota Press, 1993.

HALL, Stuart. **Identités et cultures 2. Politiques des différences**. Paris: Éditions Amsterdam, 2013.

KEBABZA, Horia. « *« L'universel lave-t-il plus blanc ? » : « Race », racisme et système de privilèges* », **Les cahiers du CEDREF** [En ligne], 14 | 2006. Disponível em: <<http://cedref.revues.org.gate3.inist.fr/428>>. Acesso em: 13 out. 2013.

NOVELLI, Daniela. **Juventudes e imagens na revista Vogue Brasil (2000-2001)**. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente) – PPGIH-UDESC: Florianópolis, 2009. 275f.

\_\_\_\_\_. Exposição **Mannequin, le corps de la mode**, 2013.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. Representações da beleza feminina na imprensa: uma leitura a partir das páginas de O Cruzeiro, Cláudia e Nova (1960/1970). In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara (Orgs). **Gênero em discursos da mídia**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: BENTO, M. A. S.; CARONE, Iray (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 59-90.

SINGER, Sally. A luta por um corpo normal. **Vogue Brasil**. São Paulo, Carta Editorial, n.383, 2010. p. 112-114.

VOGUE BRASIL. São Paulo, Carta Editorial, n. 334, 2006.

\_\_\_\_\_. São Paulo, Carta Editorial, n. 383, 2010.

VOGUE PARIS. Paris: Les Publications Condé Nast S.A., n. 884, fev. 2008.